

Práticas e percursos do Projeto 'A Quinta como Museu': construção de saberes e vínculos territoriais

DOI: 10.33871/23594381.2026.24.1.11899

Andréa Costa,¹ Joana Berrondo²; Isabela Mendes³; Marina Jaú⁴

Resumo: O Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fundado em 1818, é o mais antigo museu brasileiro e historicamente associado ao modelo de museu tradicional, estruturado na relação entre edifício, coleção e público. Nas últimas décadas, transformações no campo museal—marcadas pela ampliação das noções de patrimônio, pela valorização da participação social e pela centralidade das comunidades — têm tensionado esse modelo e impulsionado novas formas de atuação institucional. Nesse contexto, especialmente após o incêndio de 2018 e o conseqüente fechamento do edifício à visitação, o setor educativo do Museu Nacional passou a desenvolver estratégias que ampliam a relação entre museu, território e comunidade. Este artigo discute o projeto de Educação Museal “A Quinta como Museu: Educação Museal, Musealização e Território”, propondo compreender a Quinta da Boa Vista como um espaço museal ampliado. O estudo fundamenta-se em referenciais da museologia, particularmente nos conceitos de museu integral e museologia social, além das discussões sobre Educação Museal enquanto campo teórico-político-prático. Metodologicamente, o trabalho baseia-se na análise das ações educativas desenvolvidas pelo projeto entre 2023 e 2025, incluindo visitas mediadas pelo parque, formações com professores da Educação Básica e produção de recursos educativos, bem como na avaliação da recepção das atividades por meio de formulários e depoimentos de participantes. Os resultados indicam o fortalecimento de parcerias com escolas do território e valorização das narrativas locais no processo educativo. As experiências evidenciam que a Educação Museal pode atuar como elemento desencadeador de processos de musealização, promovendo a articulação entre patrimônio material, natural e memórias comunitárias. Conclui-se que iniciativas como “A Quinta como Museu” contribuem para a democratização do acesso à cultura científica e para o fortalecimento de vínculos territoriais, reafirmando o papel da Educação Museal no cumprimento do papel social dos museus contemporâneos.

Palavras-chave: Educação Museal; Musealização; Território; Museu Nacional; Quinta da Boa Vista.

Practices and Trajectories of the Project ‘The Quinta as a Museum’: Building Knowledge and Territorial Bonds.

Abstract: The National Museum of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), founded in 1818, is the oldest museum in Brazil and has historically been associated with the model of the traditional museum, structured around the relationship between building, collection, and public. In recent decades,

¹ Seção de Assistência ao Ensino - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (SAE – MN/UFRJ); Departamento de Estudos e Processos Museológicos - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (DEPM/UNIRIO) e Programa de Pós-Graduação Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS – UNIRIO/MAST), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. andrea@mn.ufrj.br

² Seção de Assistência ao Ensino - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (SAE – MN/UFRJ); Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPDESDI UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. jberondo@esdi.uerj.br

³ Seção de Assistência ao Ensino - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (SAE – MN/UFRJ); Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. isabelafischdick@gmail.com

⁴ Seção de Assistência ao Ensino - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (SAE – MN/UFRJ); Escola de Museologia - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. marinabsjau@edu.unirio.br

transformations in the museum field — marked by the expansion of notions of heritage, the growing appreciation of social participation, and the centrality of communities — have challenged this model and encouraged new forms of institutional action. In this context, particularly after the fire in 2018 and the consequent closure of the building to visitors, the educational department of the National Museum began to develop strategies aimed at expanding the relationship between museum, territory, and community. This article discusses the Museum Education project “A Quinta como Museu: Educação Museal, Musealização e Território”, proposing to understand Quinta da Boa Vista as an expanded museum space. The study is grounded in references from museology, particularly the concepts of the integral museum and social museology, as well as discussions of Museum Education as a theoretical–political–practical field. Methodologically, the work is based on the analysis of educational activities developed by the project between 2023 and 2025, including guided visits through the park, training sessions with Basic Education teachers, and the production of educational resources, as well as the evaluation of participants’ reception of these activities through questionnaires and testimonials. The results indicate the strengthening of partnerships with schools in the surrounding territory and the appreciation of local narratives within the educational process. These experiences demonstrate that Museum Education can act as a triggering element in processes of musealization, promoting the articulation between material and natural heritage and community memories. It is concluded that initiatives such as “A Quinta como Museu” contribute to the democratization of access to scientific culture and to the strengthening of territorial bonds, reaffirming the role of Museum Education in fulfilling the social mission of contemporary museums.

Keywords: Museum Education; Musealization; Territory; National Museum; Quinta da Boa Vista.

Introdução

O Museu Nacional (MN), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é o primeiro e mais antigo museu brasileiro, fundado em 1818 por Dom João VI, na cidade do Rio de Janeiro. Primeiramente instalado em um edifício localizado no Campo de Santana, na região central da cidade, passa em 1892 a ter como sede o Palácio de São Cristóvão, que até 1889 foi residência da família imperial. Assim, desde fins do século XIX, o Museu tem como endereço a Quinta da Boa Vista, e se tornaria com o passar dos anos popularmente conhecido como o “Museu da Quinta”.

A Quinta da Boa Vista passou a figurar na história nacional ao abrigar, a partir de 1808, a residência da família real portuguesa, tornando-se posteriormente e durante todo o Império, a casa dos monarcas brasileiros. O parque preserva jardins históricos projetados por Auguste Glazou nos anos de 1860, durante o reinado de Pedro II, com lagos e grutas artificiais, grandes árvores nativas e exóticas e elementos paisagísticos de estilo romântico e inglês. No início do século XX, durante a República e já abrigando o Museu, a Quinta da Boa Vista passou por importantes reformas e em 1910 foi entregue à população como um parque público, incorporando à sua paisagem novos monumentos. Em 1945 passou a abrigar o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, hoje Bioparque do Rio, que somada à presença do Museu Nacional, só fizera ampliar a relevância histórica, cultural e ambiental do local na paisagem urbana carioca. A Quinta da Boa Vista chega à atualidade como um dos mais importantes parques urbanos da cidade, administrado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, e se destaca como

um equipamento público de lazer, conservação ambiental e memória social acessado gratuitamente pela população, com destaque para os moradores do subúrbio carioca e dos municípios da Baixada Fluminense.

Pesquisas confirmam que para um segmento da população, caracterizado pelos que tiveram a experiência de visitar o MN/UFRJ ao longo de suas vidas, muitos iniciando esse contato ainda na infância, existe uma relação bem direta e afetiva entre a Quinta da Boa Vista e o Museu (Costa et al., 2023). No entanto, existem aquelas que evidenciam que os frequentadores do parque tem pouca relação com o Museu. Trindade (2013), investigou os valores simbólicos e afetivos de identidade da memória da população carioca em relação à Quinta e verificou que nenhum de seus entrevistados tinha o MN/UFRJ como motivação para estar no parque. Quando perguntados sobre o que mais gostaram, 42% mencionaram as áreas verdes/natureza, outros 40% citaram o Zoo e apenas 6% indicaram o Museu. No que tange à imagem mais forte, apenas 5% dos respondentes citaram o Museu, enquanto 20% mencionaram o Zoo.

Esse distanciamento simbólico de parte da população em relação ao Museu possivelmente é reflexo de sua trajetória histórica. Fundado no contexto das “primeiras iniciativas mais organizadas de difusão da chamada ciência moderna”, empreendidas em decorrência da transferência da Corte portuguesa para o Brasil (Moreira, Massarani, 2002), o MN/UFRJ é reconhecido como um museu de História Natural e Antropologia, e classificado no campo da museologia como museu tradicional. Tal classificação, historicamente associada à tríade edifício–coleção–público, remete a um modelo consolidado entre os séculos XVII e XVIII, especialmente na Europa, e vinculado à formação dos Estados nacionais e à necessidade de construção de símbolos identitários.

Nas últimas décadas, entretanto, transformações no campo museal têm tensionado essa classificação rígida, especialmente a partir da ampliação das noções de patrimônio, da valorização da participação social e da incorporação das comunidades como protagonistas das práticas museológicas. Nesse contexto, museus tradicionalmente estabelecidos vêm revendo suas funções e reposicionando suas práticas frente às demandas territoriais e sociais contemporâneas.

A história recente da instituição bicentenária é marcada por uma tragédia mundialmente conhecida: o incêndio de grandes proporções ocorrido em 2 de setembro de 2018, que atingiu suas exposições, bem como a maior parte de seus laboratórios e coleções, impactando significativamente a sua trajetória. Essa conjuntura levou ao fechamento do Museu Nacional à visitação pública e demandou de seu setor educativo, a Seção de Assistência ao Ensino (SAE),

à reinvenção de suas práticas, buscando novos espaços e estratégias para manter o vínculo com seus públicos.

É nesse cenário, marcado tanto pela ausência de um edifício que abrigue as atividades educativas, quanto pela valorização da participação dos públicos e do envolvimento comunitário no trabalho desenvolvido pelo museu, que se insere o projeto “A Quinta como Museu: Educação Museal, Musealização e Território”⁵, objeto de reflexão e discussão no presente artigo.

Este artigo propõe a evidenciar o papel da Educação Museal, entendida enquanto campo teórico-político-prático, como força motriz do processo de musealização. Argumenta-se que ao *fazer pensar* a Quinta da Boa Vista como museu, para além da edificação do Museu Nacional, o projeto educativo atua como elemento disparador do processo de musealização do território. Ao promover a ativação de saberes, a produção coletiva de sentidos e o fortalecimento de vínculos territoriais, integra patrimônio material, natural e narrativas comunitárias, ampliando o alcance e a relevância social do MN/UFRJ, atualizando o papel do Museu Nacional no século XXI.

Fundamentação teórica

Os chamados museus tradicionais consolidaram-se no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII, a partir da incorporação de coleções particulares às cidades e, posteriormente, aos Estados nacionais. Com a formação da República Francesa, os museus assumiram papel central na construção de símbolos nacionais, estruturando-se na relação entre edifício, coleção e público (Brulon-Soares, 2008). Seus objetivos incluíam conservar e preservar patrimônios, proteger acervos ameaçados, educar cidadãos, fomentar pesquisas e sustentar identidades nacionais (Grob; Drouguet, 2019).

Ao longo do século XIX, surgem experiências que tensionam esse modelo, como os museus a céu aberto, inaugurados na Suécia com a intenção de preservar modos de vida camponeses diante de sua progressiva transformação. Em 1891, foi inaugurado o Skansen, marco dos museus ao ar livre, que buscavam conservar práticas culturais, arquiteturas e tradições em espaços abertos (Poulot, 2005). Esses museus ampliaram posteriormente suas temáticas, incorporando arte contemporânea, patrimônio funerário e ciências naturais.

⁵ Projeto integrante do programa Museus, Escolas e Território, desenvolvido pela SAE com financiamento obtido meio do Edital CNPq - Apoio a Museus e Centros de Ciência e Tecnologia e a Espaços Científico-Culturais (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 39/2022) e com apoio da Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN).

Em meados do XX, observa-se certo declínio na vitalidade social dos museus, frequentemente percebidos como espaços distantes e pouco atrativos. Contudo, a partir de novas concepções de patrimônio — como o patrimônio natural, reconhecido pela UNESCO em 1972 — e a noção de patrimônio integral ampliaram significativamente o campo museológico.

O conceito de Museu Integral foi apresentado na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), evento convocado pela UNESCO que enfatizou a função social dos museus e sua contribuição para o desenvolvimento social. Segundo Scheiner (2012), o museu integral se fundamenta na capacidade de qualquer instituição museológica de “estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais”, musealizando seus patrimônios (território, formas de ocupação humana, recursos naturais, edifícios e monumentos) com a participação comunitária.

Neste contexto de discussão sobre as funções dos museus e as práticas museais com foco nas relações humanas, se estabelece a Museologia Social, que coloca os cidadãos e suas comunidades no centro das ações, influenciando processos de transformação e destacando a importância da participação ativa da comunidade nas ações desenvolvidas pelos museus (Tolentino, 2016).

Com as novas teorias que protagonizam os cidadãos na atuação dos museus, surgem outras modalidades institucionais, entre as quais os museus de território. Estes fundamentam-se na valorização de um patrimônio comum, reforçando a ideia de pertencimento e as questões de identidade cultural da comunidade. O território não é apenas um local, mas sujeito de memória e de cultura, sendo interpretado a partir dos laços sociais, históricos e afetivos que ali se constroem (Lima, 2012).

Apesar de não serem rígidas e fixas as classificações, posicionar-se é importante para orientar a prática de cada instituição, conduzindo seus processos de musealização. Nos últimos anos, os museus vistos como tradicionais vêm se desdobrando em questões relacionadas ao território e à comunidade. A nova definição de museu proposta pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) reforça essa perspectiva ao incluir explicitamente a participação das comunidades como elemento constitutivo da instituição museológica.

[...] Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. **Com a participação das comunidades**, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022, grifo nosso).

Pensar na Quinta da Boa Vista como museu, para além do Museu Nacional, exige uma ampliação na sua “classificação”, deixando de lado o modelo tradicional. Logo, é possível

entender a Quinta da Boa Vista como um museu a céu aberto por apresentar diversos monumentos e elementos de fauna e flora ao ar livre, explorando seu espaço físico e promovendo a interação entre patrimônios materiais, aspectos simbólicos, ambiente e biodiversidade.

A proposta de musealização desenvolvida pelo projeto “A Quinta como Museu” apoia-se na ativação de saberes populares, incorporando narrativas de moradores, educadores e frequentadores. Nesse processo, o Museu Nacional assume papel de mediador entre saber científico e saberes do cotidiano, produzindo sentidos compartilhados e fortalecendo vínculos territoriais. Essas ações são desenvolvidas dentro dos pressupostos da Educação Museal, campo teórico-político-prático que vem se desenvolvendo ao longo de mais de dois séculos no Brasil (Costa et al., 2020). A Educação Museal é aqui entendida como parte fundamental da formação geral dos indivíduos (Costa et al., 2018),

função essencial dos museus e prática interdisciplinar que visa propiciar reflexão e formação integral a públicos visitantes, potenciais e não visitantes pela ativação do conteúdo museal em vivências culturais mediadas, dialógicas e acessíveis. É constituída pelo conjunto de abordagens teóricas, metodologias e instrumentos próprios à pesquisa, ao planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas, em articulação permanente com comunidades, museus, centros culturais, pontos de memória e demais processos museológicos (Ibram, 2025).

Reivindicamos o lugar da Educação Museal não como etapa final da musealização, mas como seu elemento desencadeador, considerando seu potencial para articular patrimônio material, natural e imaterial em uma perspectiva de museu integral. A Quinta da Boa Vista, nesse entendimento, deixa de ser apenas parque urbano para afirmar-se como território-museu, espaço vivo de memória, identidade e participação social.

Metodologia

A Quinta da Boa Vista é um território importante não só para os bairros vizinhos, mas também para todo o subúrbio do Rio de Janeiro. Sabemos que a distância geográfica entre a maioria da população e os museus representa, ainda hoje, uma barreira significativa para o acesso a esses espaços, especialmente para as classes populares (Garcia; Rabello, 2019). Quando pensamos nas visitas escolares, mas não apenas nelas, essa distância implica custos de transporte e tempo de deslocamento que muitas vezes inviabilizam a participação, sobretudo para as escolas da rede pública, que raramente contam com recursos para esse tipo de atividade.

Entretanto, estudos realizados em dois museus de ciência localizados na Zona Norte do Rio de Janeiro mostram que a proximidade física entre museus e escolas, embora importante,

não é suficiente para assegurar a visitação (Costa, 2017; Cabral, Guimarães, 2020). Com sensibilidade a essa realidade, o projeto propõe caminhos para estabelecer uma aproximação mais significativa e duradoura entre o Museu Nacional e as comunidades do território. Nesse percurso, reconhecemos a escola como uma parceira fundamental na mediação entre museu e comunidade, apostando na construção coletiva de ações educativas que valorizem saberes, memórias e vivências locais.

O projeto convida estudantes, professores e frequentadores da Quinta da Boa Vista a ressignificar esse espaço tão emblemático da cidade como lugar de conhecimento, de história e de encontros. Por meio de visitas educativas, ações formativas com professores da Educação Básica e a produção de recursos educacionais variados, buscamos promover a apropriação cultural da Quinta e do Museu, buscamos estimular o olhar crítico e o protagonismo de seus participantes, além de incorporar as narrativas dos moradores, frequentadores e trabalhadores nas pesquisas do projeto.

A Educação Museal é o produto da relação dialógica entre educadores e educandos, sendo o diálogo a mediação, entendida como metodologia, fundamental no processo educativo. Para Paulo Freire a mediação pedagógica se fundamenta no diálogo, que se desenvolve “através da dinâmica da problematização com amorosidade, da revisão crítica da história, dos limites e das possibilidades do presente em articulação com os desafios do futuro”. Ainda segundo Freire, a mediação é responsabilidade compartilhada, em que o papel do/a educador/a e a experiência do/a educando/a se relacionam com o contexto e se articulam dialeticamente (Adams, 2008, p.324-325). A mediação (pedagógica) é uma das bases sobre as quais se desenvolvem nossas ações.

Assim, mais do que um conjunto de atividades, o projeto é um convite à reflexão sobre os muitos usos possíveis de um território que é, ao mesmo tempo, patrimônio histórico, espaço educativo e campo fértil de encontros e partilhas. Integrando Educação Museal, musealização e território, “A Quinta como Museu” procura contribuir para a democratização do acesso à cultura científica, para a valorização das memórias locais e para o fortalecimento dos laços entre museus, escolas e comunidades.

O trabalho foi realizado, em 2025, por uma equipe composta por duas coordenadoras, servidoras da SAE, e três educadoras contratadas. Até o final de 2024, integravam também a equipe quatro estudantes de Ensino Médio do Colégio Pedro II, participantes do Programa de Iniciação Científica Júnior (PICJr) e bolsistas do Programa Jovens Talentos da FAPERJ⁶.

⁶ Agradecemos à Mariana Alves Pessoa Ferreira, Luan Cabral Candido Santana, Victor Miguel Alves da Silva e Bento Martins Gomes por suas contribuições ao projeto.

Antes das ações com as escolas do território, a SAE já promovia visitas educativas voltadas ao público espontâneo, realizadas aos fins de semana e durante eventos institucionais como o aniversário do Museu Nacional e o Festival Museu Nacional Vive, em 2023 e 2024. As visitas consistiam em um roteiro a pé, com duração aproximada de uma hora e meia, conduzidas por educadoras/es da SAE, que articulavam informações históricas, científicas e patrimoniais sobre a Quinta a partir do diálogo com os participantes. A mediação privilegiava a escuta e a construção compartilhada de sentidos, estimulando o contato sensível com a história, a natureza e as memórias associadas ao parque, bem como aproximando o público do processo de reconstrução do Museu Nacional após o incêndio de 2018.

Visando compreender a recepção da proposta e aprimorar suas estratégias, foi aplicado em 2023 um formulário virtual anônimo, encaminhado por e-mail e WhatsApp aos participantes. O questionário obteve 28 respostas, que apontaram alta concordância com afirmações positivas sobre a experiência – como “Aprendi coisas novas sobre a Quinta da Boa Vista e o Museu Nacional” – e forte discordância com afirmações negativas, evidenciando a boa recepção da atividade. A palavra mais recorrente para sintetizar a experiência foi “conhecimento”. As redes sociais institucionais foram apontadas como principal meio de divulgação, demonstrando sua relevância na mobilização do público.

As respostas também indicaram aspectos a serem aprimorados, como dificuldades auditivas decorrentes da poluição sonora do parque e a necessidade de ampliar a divulgação da ação. A partir dessas avaliações, foram implementadas mudanças nas ações desenvolvidas em 2024 e 2025, entre elas: intensificação da divulgação nas redes sociais, com a criação de um perfil no Instagram específico para o projeto (@museudaquinta), e uso de recursos físicos de sinalização, como *windbanner*; produção de vídeos com legendas e em Libras; utilização de microfone e caixa de som durante as visitas; ampliação do tamanho das imagens utilizadas (de A4 para A3) e inclusão de audiodescrição; incorporação de materiais táteis e interativos; e contratação de intérpretes de Libras.

Essas transformações evidenciam a centralidade da escuta do público no planejamento das ações educativas, reafirmando a Educação Museal como prática dialógica e processual. Assim, as visitas desenvolvidas no âmbito do projeto “A Quinta como Museu” não se constituem como ações isoladas, mas como continuidade qualificada de uma trajetória construída coletivamente entre Museu e território.

Em outubro de 2024, foi promovido o evento “Diálogos entre Educadores/as no Museu Nacional”. Na manhã do dia 17, vinte educadores da Educação Básica, provenientes de escolas públicas dos bairros de São Cristóvão, Maracanã e Caju, puderam atravessar os portões do

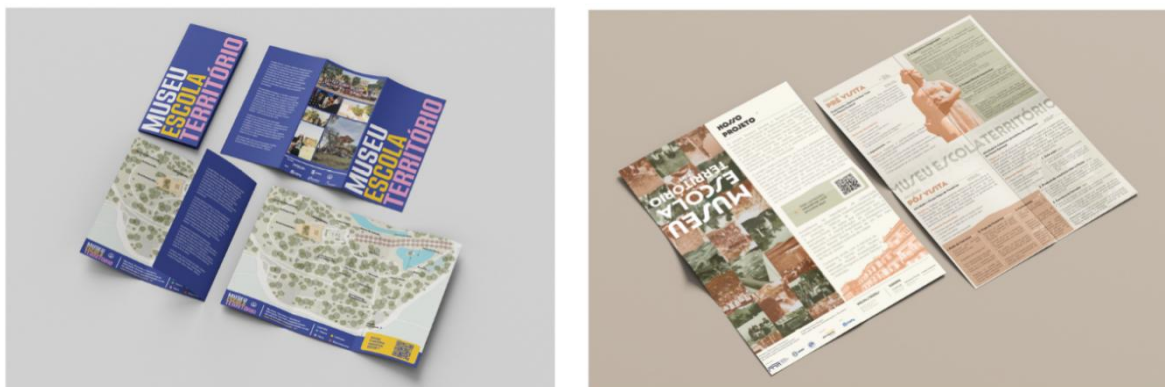
Museu e se aproximar de seu processo de reconstrução. Recebidos por profissionais da Arquitetura e Restauração da empresa Biapó, conheceram detalhes sobre as obras de restauração do palácio e dialogaram com a equipe de Arqueologia Histórica do Museu Nacional sobre as descobertas arqueológicas feitas no prédio e em seus arredores. Essa iniciativa teve como objetivo possibilitar que os professores, como referências em suas comunidades escolares, se apropriassem dessas informações valiosas e as compartilhassem com estudantes, responsáveis e demais membros de suas redes. Ainda durante o encontro, os educadores foram apresentados ao projeto e convidados a agendar visitas educativas com suas turmas para os meses de novembro e dezembro, contando oferta de transporte pelo Museu. Receberam também um panfleto com a descrição da iniciativa, um mapa da Quinta com os pontos abordados.

Em junho de 2025, foi realizada uma segunda edição da formação com docentes, que reuniu 21 educadores das redes pública e privada do território, incluindo participantes da edição anterior e novos parceiros. Visando a formação e cooperação continuada, os professores puderam conhecer e opinar sobre os materiais educativos produzidos para as ações com estudantes naquele ano, além de visitar, antes da abertura para o público geral, a mostra “Entre Gigantes: uma experiência no Museu Nacional”. A iniciativa fortaleceu o planejamento das ações do projeto e consolidou parcerias para o segundo semestre de 2025.

Resultados e Discussão

O projeto “A Quinta como Museu: Educação Museal, Musealização e Território” alcançou importantes resultados que demonstram a consolidação da Quinta da Boa Vista enquanto espaço vivo de construção de identidades e saberes.

No ano de 2024, o projeto recebeu 185 visitantes espontâneos e, durante os meses de outubro e dezembro, foram realizadas visitas educativas com 343 participantes agendados, abrangendo estudantes da Educação Infantil, dos dois segmentos do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. Em 2025, o projeto toma grande expansão e recebe 331 visitantes espontâneos e 925 visitantes agendados, incluindo-se desta vez estudantes de Ensino Médio, Graduação e Pós-graduação. Nesse ano, as visitas educativas se estenderam também ao interior do prédio do MN, incluindo a mostra “Entre Gigantes”, que permaneceu aberta entre julho e setembro e marcou a retomada da visitação ao interior do Paço de São Cristóvão/Museu Nacional. Nesta parte da atividade, os estudantes foram recebidos pela equipe educativa própria da mostra, coordenada por servidoras da SAE.



Figuras 01 e 02: Museu, Escola, Território 2024 e 2025. – Folder Institucional. 2025.
Fonte: Joana Berrondo – SAE/MN

Após as visitas educativas realizadas pelos grupos escolares em 2025, foi solicitado aos professores um pequeno depoimento sobre a atividade a fim de compreender os efeitos da mesma. Nos relatos recebidos, um ponto convergente foi a parceria estabelecida entre a escola e o museu, com o convite feito pela equipe do projeto ao evento “Diálogo entre educadores”. Os professores afirmaram que se sentiram valorizados ao serem incluídos na concepção das atividades, além da oportunidade da construção de uma parceria entre o museu e as escolas presentes no território.

Outra questão levantada nos relatos é a integração dos elementos abordados na visita com o currículo escolar. Os professores apontaram que a visita educativa foi proveitosa para ampliar e reforçar os conteúdos apresentados em sala de aula, e que após a atividade, a visita ao Museu Nacional e a Quinta da Boa Vista eram abordados em diferentes contextos. Também aparece com frequência a dimensão afetiva da experiência. Os relatos reforçam o entusiasmo das turmas, o envolvimento durante a atividade e a permanência da visita no cotidiano escolar, seja por meio de comentários espontâneos dos alunos ou pela retomada dos temas trabalhados em diferentes disciplinas.

Os relatos evidenciam o fortalecimento da relação museu-escola, a ampliação do repertório e da vivência dos estudantes e consolidam a Quinta da Boa Vista e o Museu Nacional como território fértil para a produção de conhecimentos, pertencimento e cidadania. As visitas se configuraram como espaços de escuta e diálogo, com o Museu disponível para compreender as demandas das escolas e incorporá-las às práticas educativas. Um exemplo significativo dessa construção coletiva foi a incorporação do remanescente do Rio Joana às visitas, a partir da solicitação de uma professora, em consonância com o projeto escolar “Esse Rio É Meu”. Essa troca resultou também na inclusão do Rio Joana no jogo educativo “Trilha na Quinta”⁷.

⁷ Um trabalho descrevendo o jogo “Trilha na Quinta” foi apresentado na IV Edição do DICIT (Fiocruz) e submetido para publicação no E-BOOK: Divulgação Científica, Educação em Saúde e Jogos de Tabuleiro - Anais do IV DICIT (2025).



Figuras 03 a 08: Atividades Educativas - Projeto 'A Quinta como Museu'. 2025.
 Fonte: Joana Berrondo – SAE/MN

O estímulo a esse engajamento ativo e à curiosidade do público encontrou terreno fértil nas ações voltadas aos visitantes espontâneos. Se, em um primeiro momento, a mediação ocorria com o suporte de materiais tangíveis que costuravam a experiência do visitante à narrativa do parque de forma pontual, buscou-se articular alternativas para aprofundar essa conexão.

Foi nesse contexto que se concebeu o passaporte cultural "Volta ao Mundo na Quinta". O material educativo parte da premissa de que a Quinta da Boa Vista abriga elementos originários de diversos continentes que permitem uma viagem simbólica sem sair do parque, convidando o visitante a colecionar carimbos a cada ponto abordado, como na concepção de um passaporte convencional.



Figuras 09 e 10: Passaporte Cultural: “Volta ao Mundo na Quinta”. 2025. Fonte: Joana Berrondo – SAE/MN.

A recepção do passaporte revelou uma nuance fundamental sobre a dinâmica dos corpos nesse território. Enquanto as crianças habitam o espaço com a fluidez das infâncias do corpo descritas por Leda Maria Martins (2021), o visitante adulto muitas vezes carrega uma rigidez performática. O corpo maduro, frequentemente retraído pela etiqueta social ou pela postura de espectador, tende a tensionar a zona de contato, mantendo-se em uma distância “segura” da experiência.

Nesse sentido, conforme proposto por Berrondo (2026), o passaporte opera exatamente como um *objeto relacional*. Este conceito central na obra de Lygia Clark é analisado por Suely Rolnik (2015), apontando que o mesmo não possui valor em si mesmo; perdendo a autonomia de “obra de arte” para se tornar uma potencialidade, que ganha sentido apenas quando realizada pelo gesto do receptor. Ao segurar o passaporte e buscar o carimbo, o visitante é convocado a sair da passividade e engajar seu corpo na ação, permitindo que o sujeito acesse seu corpo-vibrátil, capaz de afetar e ser afetado pelas forças do ambiente.

O passaporte serviu, portanto, como uma ponte para a transição do que Rolnik chama de estado de clínica, onde o corpo se anestesia e se fecha em formas defensivas, para o estado da arte, onde o corpo se abre para a experimentação. O passaporte tornou-se, assim, uma ferramenta de encontro entre a oralidade, a imagem e a escrita, além de se consolidar como um suporte de memória, lembrança tangível do ato partilhado de musealizar a Quinta, fragmento daquele encontro.

Considerações finais

As ações aqui descritas evidenciam que a Quinta da Boa Vista se configura como um território vivo, atravessado por práticas de pertencimento, memória e resistência. Ao reconhecer

o parque como espaço habitado e afetivamente construído pelas múltiplas experiências dos seus frequentadores, o Museu Nacional amplia sua presença para além dos muros, reinventando suas práticas educativas em diálogo com a vida cotidiana. A Educação Museal que se desenha nesse contexto valoriza a escuta, o encontro e a construção coletiva de saberes, tensionando fronteiras tradicionais entre museu, escola e cidade. A musealização da Quinta, impulsionada pelas ações educativas, além de preservar sua história, ativa seu território como espaço de criação, transformação e reexistência.

Nesse movimento, o parque deixa de ser apenas o entorno do museu e se torna parte indissociável de seu projeto social e educativo, reafirmando a potência dos vínculos afetivos e territoriais como caminhos para uma educação mais crítica, democrática e plural. O sucesso das atividades realizadas até o momento – como as visitas educativas escolares e espontâneas, os encontros formativos e os materiais produzidos – demonstra a força desse projeto em fortalecer a relação do Museu com seu território e seu público. Essa experiência consolidou práticas de pertencimento e impulsionou a produção de conhecimento situado, evidenciando que o museu, ao se abrir ao território, amplia seu alcance e ressignifica seu papel social.

A intenção de continuidade se faz presente no compromisso com a realização de novas visitas educativas, buscando aprofundar a democratização do acesso ao Museu e tornar suas ações cada vez mais integradas à vida da Quinta. Assim, ao fortalecer sua inserção territorial e apostar na construção coletiva de saberes, o Museu Nacional reafirma sua missão de ser um espaço vivo, plural e acessível, contribuindo para uma Educação Museal que reconhece, acolhe e potencializa as vozes e experiências que habitam o parque e a cidade.

Referências

ADAMS, Telmo. Mediação (Pedagógica). In: STRECK, Danilo R.; RENDÍN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.) **Dicionário. Paulo Freire**. 2da edición en portugués, revisada y ampliada. Belo Horizonte: Auténtica Editora, 2008.

BERRONDO, J. **devir-erê: entre espirais de design e memória na Quinta da Boa Vista**. 2026. Dissertação. (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

BRULON-SOARES, B. C. **Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.unirio.br/ppg-pmus/copy3_of_bruno_c_brulon_soares.pdf. Acesso em: 11 dez. 2024.

CABRAL, E. da C.; GUIMARÃES, V. F. **O Público Potencial Escolar do Museu da Vida: um estudo exploratório em escolas da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.** *Ciência & Educação (Bauru)*, [s. l.], v. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320200050>. Acesso em: 3 nov. 2021.

COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O.; CHIOVATTO, M. **Educação museal.** In: Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O. **Por uma história da educação museal no Brasil.** In: Costa, A. F.; Castro, F.; Soares, O. (Orgs.) Educação museal: conceitos, história e políticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

COSTA, Andréa. **Formação em Educação Museal: a experiência de adolescentes na Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional.** *Notícias, Revista Docência e Cibercultura*, [s. l.], maio 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1817>. Acesso em: 24 abr. 2025.

COSTA, Andréa Fernandes; DAHMOUCHE, Mônica Santos; DAMICO, José Sergio; MANO, Sonia; CAZELLI, Sibebe. **Memórias dos visitantes do Museu Nacional: lembranças que não se apagam.** *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 31, p. 1–43, 2023. DOI: [10.11606/1982-02672023v31e18](https://doi.org/10.11606/1982-02672023v31e18). Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/206467>. Acesso em: 22 fev. 2026.

GARCIA, Fernanda; RABELLO, Garcia. **Os sem-museus: Das 128 instituições públicas e privadas do Rio de Janeiro, só 40 ficam fora da Zona Sul e do Centro.** *Projeto #Colabora Universidade*, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://projecolabora.com.br/ods9/os-sem-museus/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GROB, André; DROGUET, Noémie. *A Museologia: História, Evolução, Questões Atuais.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Política Nacional de Educação Museal (PNEM).** Brasília: Ibram, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/politicas-do-setor-museal/politica-nacional-de-educacao-museal-pnem>. Acesso em: 4 mar. 2026.

ICOM BRASIL. **Nova definição de museu.** 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó., 2021.

MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE (1972). **Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972.** Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Programa Ibermuseus, 2012. 1 v. Organização: José do Nascimento Junior, Alan Trampe, Paula Assunção dos Santos. POULOT, D. *Museu e museologia.* Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

QUINTA como Museu: educação museal, musealização e território. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2024. Projeto de pesquisa institucional.

RIO DE JANEIRO. Início - Esse Rio é Meu. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <https://riodejaneiro.esserioemeu.org>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROLNIK, S. (2015). **Lygia Clark e o híbrido arte/clínica**. Revista Concinnitas, 1(26), 104–112. [Recuperado de https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/20104](https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/20104)

SCHEINER, Tereza. **Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 7, n. 1, p. 15–30, jan.-abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/cSJ5xdKWRhL9fQTfkQvyJMc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2025.

TOLENTINO, A. B. **Museologia social: apontamentos históricos e conceituais**. *Cadernos de Sociomuseologia*, [s. l.], v. 52, n. 8, 26 jun. 2016.

TRINDADE, Jeanne. **Os jardins de Glaziou para a Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro/RJ**. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 13, n. 156, p. 60-73, 2014.

VALÉRY, Paul. **Le problème des musées. Tradução de Sônia Salzstein**. In: HYTIER, Jean (Ed.). *Paul Valéry - Oeuvres II*. Paris: Éditions Gallimard, 1960. p.1290-1293.

Submissão: 05/03/2026. **Aprovação:** 21/04/2026. **Publicação:** 30/04/2026.